

SUE WATSON

ESPOSA,

MÃE,

*Um thriller  
psicológico  
absolutamente  
viciante e totalmente  
envolvente, com uma  
reviravolta  
de tirar o fôlego.*

MENTIROSA



FARO  
EDITORIAL

**ESPOSA,  
MÃE,  
MENTIROSA**

SUE WATSON

# ESPOSA, MÃE, MENTIROSA

TRADUÇÃO  
ADRIANA KRAINSKI

 FARO  
EDITORIAL

# PRÓLOGO

## **ELA SEMPRE ESTEVE PRESENTE PARA MIM: MINHA MELHOR AMIGA E VIZINHA.**

Duas recém-casadas, mudando para nossas novas casas na primavera de nossas vidas, com o futuro se estendendo diante de nós como uma toalha de piquenique sobre um gramado verdejante. Éramos tão jovens e invencíveis naquela época; nada poderia nos machucar. Ou assim pensávamos.

Ao longo dos anos, dançamos descalças no jardim, bebemos vinho demais, compartilhamos momentos bons e ruins, rimos, choramos, discutimos e fizemos as pazes. E naquele verão em que nós duas estávamos grávidas, ficávamos sentadas à porta de casa conversando, tomando chá de ervas, acariciando nossas barrigas e sonhando com nossos bebês, temendo as noites em claro. E quando, mais tarde, aqueles dois bebês ficavam deitados no tapete, ainda de fraldas, nos maravilhávamos com o quanto os amávamos.

No primeiro dia de aula deles, caminhávamos alguns passos atrás, enquanto eles seguiam de mãos dadas, com os cabelos penteados e os sapatos brilhando. Animadas e nervosas, nós os soltamos com cuidado, com o coração na mão.

Anos depois, quando nossos filhos saíram juntos para o baile de formatura, caminhamos atrás deles, de mãos dadas, com os cabelos penteados e os sapatos brilhando; emocionadas e nervosas, acenamos, com o coração na mão outra vez, enquanto eles partiam num carro luxuoso. Jovens e invencíveis como um dia fomos, eu e minha amiga vizinha.

Como é que eu poderia imaginar que um dia iria querer matá-la?

# UM

JILL

**SEXTA-FEIRA**

**ESTOU ESPERANDO MINHA AMIGA WENDY NO CHALÉ QUE ALUGUEI PARA A VIAGEM** “das meninas” no País de Gales, embora já não sejamos mais “meninas”. Quando sugeri uma escapada de final de semana em janeiro, ela não pareceu lá muito convencida, mas prometi “comida chique, espumante e céu estrelado”, e ela topou na hora.

Meu celular acaba de vibrar. É ela.

Foi mal, estou quase chegando, acabei de ajudar num parto de gêmeos!

Sorrio. Wendy é enfermeira obstétrica e, quando está atrasada, cansada, de mau humor ou animada, ela sempre põe a culpa em algum parto. Tim, meu marido, vivia brincando quando ela se atrasava para ir ao cinema ou ao teatro com a gente. “Vai ser um parto pélvico ou de quadrigêmeos. E olha que ela nem está de plantão, hein?”

O chalé que reservei é charmoso, tão tranquilo que, tirando a chácara em frente, não há vizinhos por muitos quilômetros. Tem havido muito barulho em minha vida e eu estava mesmo precisando desse isolamento. Já estou até curtindo o silêncio. Passo os dedos pela lareira e pela televisão para ver se há pó e aprovo a limpeza. Sou muito exigente com isso. Meu marido Tim costumava dizer: “Não é uma questão de limpeza, Jill, isso daí é doença mental”.

Era um exagero, claro. Não sou obcecada; só gosto das coisas limpas e organizadas. Não há nada de errado nisso. Já verifiquei os quartos. Um deles é um pouco maior, com uma bela paleta azul-clara. Vou deixar esse para

Wendy. Não ligo de ficar com o menor, que é bege, mas tive que tirar o velho ursinho de pelúcia de cima da cama. Esse tipo de coisa acumula ácaros e bactérias. Só de pensar me dá arrepios.

Sento no sofá para observar o ambiente, acariciando o tecido macio da manta. Estou meio irritada hoje, então vou até a cozinha, onde há um lindo aparador galês com grandes peças de cerâmica coloridas. Acho lindo, embora imagine que Wendy não irá gostar. Ela prefere interiores minimalistas e contemporâneos, o que é hilário para alguém tão desorganizada.

Olho pela janela. Ainda é fim de tarde, mas a noite cai rápido, como um enorme cobertor escuro. Nem sinal de Wendy.

— As estrelas no País de Gales são simplesmente mágicas, mãe — Leo disse quando me contou sobre este lugar. — Não tem poluição luminosa e eu vi *minha* constelação mais nítida do que nunca.

Sorrio ao me lembrar da empolgação dele. Desde pequeno, meu filho adorava apontar a constelação de Leão e reivindicar a cabeça do leão no céu como se fosse sua. Depois de voltar de uma excursão escolar, há dois anos, ele insistiu em que fôssemos visitar.

— Nunca vi tantas estrelas. Uma do ladinho da outra. Vocês *precisam* ver.

Reservei esta viagem para mim e para o pai dele, imaginando nós dois bem agasalhados, saindo para a escuridão para observar a constelação de Leão. Mas tudo isso foi por água abaixo na semana passada, quando vi uma mensagem no celular de meu marido que mudou tudo. Ele estava no chuveiro depois do trabalho quando a tela do celular acendeu. Eu nem pensaria em ler as mensagens dele; tinha medo do que poderia encontrar. Mas naquela noite, algo me impeliu. Fui até seu lado da cama e peguei o celular. Só consegui ver o começo da mensagem, lida por cima. Era de alguém chamado “Pete do Trabalho”. Estava parabenizando Tim por algo que ele tinha feito com a língua na noite anterior. Soltei um suspiro de espanto e virei o celular com a tela para baixo. Lembrando-me da noite anterior, me dei conta de que aquela “performance” pela qual ele estava sendo elogiado tinha acontecido enquanto eu o esperava em casa com um ensopado de cordeiro pronto para o jantar.

— Segundo “Pete do Trabalho”, você é incrível na cama — falei casualmente quando ele entrou no quarto, cambaleando, secando o cabelo com a toalha.

Ele ergueu os olhos e eu joguei o celular para ele.

— É alguém que eu conheço? — perguntei com calma, enquanto ele se enrolava na toalha, visivelmente vulnerável. — Ou é só mais um “casinho”?

Ele balançou a cabeça.

— Foi mal, Jill.

Fiquei observando os filetes de água escorrendo pelo peito dele.

— Você *ama* essa mulher?

Ele confirmou com a cabeça.

Isso me abalou. Tim jamais falava de amor. Ele não era muito de usar essa palavra, nem mesmo comigo. Seus casos sempre foram por sexo, ou pelo menos era o que eu achava, mas dessa vez parecia diferente. Eu sabia que algo estava se infiltrando entre nós, que não era igual às outras vezes. E estava tensionando os frágeis fios que ainda nos mantinham unidos.

Ele já teve outras antes, mas agora que estávamos chegando aos cinquenta, casados há quase 25 anos, pensei que ele finalmente tivesse sossegado. Só que ele vinha sendo descuidado: chegando tarde em casa, indo para outros cômodos para fazer ligações, mandando emojis de coraçãozinho vermelho que eu conseguia ver do outro lado da sala. E agora ele tinha ido ao banheiro e deixado o celular jogado, como se estivesse tentando pôr fim a nosso casamento, que já não andava bem das pernas. Para ele, seria muito mais fácil se eu simplesmente encontrasse o celular do que se ele tivesse que me contar. Bem típico de Tim escolher o caminho mais fácil.

— Por que isso? Por que agora? O que *ela* tem de especial?

Ele deu de ombros.

— Ela me valoriza. Me *enxerga*.

Revirei os olhos.

— Ela te *enxerga*? Que merda é essa? Você andou assistindo à terapia de casal na tevê de novo, Tim?

Sem dizer uma palavra, ele saiu do quarto, deixando um rastro de água no piso de madeira. Quando a porta do banheiro bateu, esperei a dor chegar, aquela onda tão conhecida de sofrimento, guardada quase como uma memória muscular. Mas, dessa vez, não senti nada. Ao longo dos anos, ele foi pouco a pouco distorcendo meus sentimentos. Desci as escadas e, mais tarde, ele apareceu na cozinha, já vestido, todo acanhado.

— Me desculpa, Jill, eu não queria te magoar.

Era quase uma piada vinda dele. Passei a maior parte de nosso casamento em agonia por causa dos casos constantes. De certo modo, foi um alívio saber que ele finalmente iria embora; eu já não aguentava mais tanta mentira. Vivi um casamento solitário, passei minha juventude esperando-o voltar para casa, sem jamais saber de qual cama tinha acabado de sair ou de quem era o perfume que eu sentia nele. Foi uma tortura.

— *Quase* 25 anos! — falei. — Então, não vamos chegar mesmo às bodas de prata, né?

— Desculpa — ele murmurou, afundando na cadeira da cozinha.

— Então, desta vez você vai mesmo embora?

— Vou. Acho que é melhor.

— Eu nunca fui suficiente, né?

— Você vivia ocupada com o trabalho, ainda mais depois que Leo nasceu, parecia que ele vinha sempre em primeiro lugar — ele respondeu.

Isso me enfureceu. Usar o fato de eu cuidar de nosso filho como justificativa para a própria infidelidade. Como ele se atreve? A raiva me invadiu e tive que me controlar para não lhe dar um safanão. Quis gritar, dizer que ele não é homem, nem marido, nem pai, só um mulherengo incompetente que arruinou minha vida e a de meu filho. Mas de que adiantaria? Eu não tinha forças, e já era tarde demais.

— Quer que eu vá embora hoje mesmo? — ele perguntou, quebrando o silêncio.

— Você é quem sabe.

— Eu poderia ficar hoje, se você quiser...

— Não. Pode ir. É melhor assim.

Ele pareceu surpreso, até meio sem jeito.

— Você achou que eu imploraria para você ficar?

— Não... não é isso. É que Angela está na casa da mãe hoje à noite. Ela não está se sentindo bem. E eu não tenho as chaves da casa dela.

— Sério? Então *Angela* não te deu as chaves, mas você está disposto a arruinar seu casamento por ela? Se eu fosse você, teria garantido um lugar melhor para ir antes de sair daqui. — O sarcasmo transbordou de minhas palavras, mas ele nem notou. — Quer saber? Por que você não fica hoje à noite? Vou preparar um jantar caprichado para nós, abrimos nosso vinho favorito. Uma última noite juntos e, depois, a gente se despede.

Ele não precisou nem pensar.

— Perfeito.

Já disposto a trair a mulher que estava à espera dele. Quase senti pena de *Angela*.

— Tá bom, então vou começar a cozinhar.

Me levantei da mesa e ele estendeu a mão, me puxando pela cintura enquanto eu passava por ele.

— Obrigado, Jill, você é tão boa para mim. Eu não te mereço.

— Não merece mesmo, não — respondi. — Mas tem uma condição: nada de mensagens, nada de ligações secretas, nada de emojis de coração. Se você quer jantar e passar esta última noite comigo, eu quero toda a sua atenção. Pela última vez.

— Claro. — Ele começou a beijar meu pescoço, passar as mãos pelo meu corpo.

— Vamos jantar primeiro — eu disse, afastando-o gentilmente.

Ele deu uma risadinha.

— Tá bom, posso ajudar em alguma coisa?

— Não, eu me viro. Vai lá relaxar. Afinal, é sua última noite aqui. Pode ser que ela não tenha tantos canais esportivos, então aproveite enquanto pode.

Ele me beijou de novo, mas dessa vez foi como um menino beijando a mãe por ter ganhado um videogame novo.

Dei um sorriso.

— Ei, e o celular?

— Não vou mandar mensagem para Angela.

— Hum... então me faça um favor e guarde isso aí naquela gaveta.

Ele estava tão decidido a me agradar que nem discutiu, foi logo guardando o celular na gaveta, enquanto eu começava a derreter a manteiga na frigideira. Em seguida, cozinhei o frango para o recheio de minha torta caseira, uma das favoritas de Tim. Ele poderia desfrutar de um bom jantar com a velha rainha, enquanto esperava ansiosamente pelo dia seguinte, quando estaria com a nova.

Assim que ele se jogou no sofá diante da tela cheia de bolas e homens de uniforme correndo de um lado para o outro, abri a gaveta sem fazer barulho.

— Jill. — Ele apareceu de repente na porta. Fechei a gaveta na hora e ergui o olhar.

— O quê?

— Obrigado por ser tão compreensiva com tudo isso.

— Acho que, depois de todos esses anos, precisamos encerrar isso de vez. — Sorri. — Sem ressentimentos.

Voltei para o frango. Alguns segundos depois, olhei de novo e ele já não estava mais ali. Abri a gaveta às pressas e, de olho na porta, peguei o celular com cuidado. Digitei a senha. Ele é tão burro: sempre usava a própria data de nascimento e nunca mudava. Abri as mensagens e comecei a rolar a tela. Tantas noites dizendo a ela que iria me deixar e, no dia seguinte, inventava desculpas por não ter conseguido: “Jill estava bêbada”. “Jill

estava chorando”. “Jill implorou para que eu ficasse”. Gostei especialmente desta: “A mãe de Jill morreu, preciso de mais uma semana”. Minha mãe morreu há mais de 30 anos. Nada era sagrado para Tim. Ele era implacável quando se tratava da própria felicidade.

Então, deixei meus dedos falarem por mim. Usando algumas das frases que ele costumava usar, comecei a digitar uma mensagem para Angela.

Oi, Angie. Me desculpa. Eu realmente ia conversar com a Jill hoje e pedir o divórcio, mas as coisas tomaram outro rumo. A gente ficou conversando por horas e eu percebi que ainda a amo. Decidimos tentar de novo. Vamos viajar juntos por algumas semanas e ver se conseguimos reconstruir nosso casamento. Sei que isso vai te machucar e lamento por isso. Mas a verdade é que eu nunca deixei de amar minha esposa. Espero que um dia você consiga me perdoar. Se cuida, bebê.

Desliguei o celular e o coloquei de volta na gaveta. Não era a primeira vez que eu encerrava uma das conversas dele, mas seria a última.

Então tivemos nossa última noite juntos. Um jantar delicioso, uma garrafa de vinho, e nos despedimos do meu jeitinho. Depois arrumei minha pequena mala e vim para cá, para o chalé no País de Gales.

Tiro alguns dos mantimentos que trouxe e preparo uma xícara de chá de rosas. Olho para as coxas de frango na geladeira e me pergunto se não deveria ter escolhido algo mais sofisticado. Wendy adora glamour e, embora eu tenha trazido algumas garrafas de espumante e chocolates finos que sobraram do Natal, não sei se será suficiente para ela.

Tiro meu suéter de lã e passo um batom. Quero que minha velha amiga veja como a vida de solteira me faz bem, então me dei de presente um jeans novo e um par de tênis estilosos para este fim de semana. Wendy sempre se vestiu como uma juvenzinha. Tem um corpo bonito e curvilíneo, pele viçosa, e sempre foi elegante — embora às vezes exagere um pouco. Já faz meses que não a vejo, mas, da última vez que a encontrei no supermercado, havia algo diferente nela. Percebi logo de cara quando ela veio em minha direção com uma cesta cheia de garrafas de vinho. A testa estava tão lisa e esticada que ela mal conseguia franzi-la. Tenho certeza de que também fez preenchimento labial. Ela mal conseguia fechar a boca.

— Posso ter chegado aos quarenta, mas não estou acabada — anunciou no corredor dos feijões enlatados. Acho que ela se reinventou. Ouvi dizer que Robert a deixou para ir morar na Espanha. Pelo jeito, eu e Wendy estamos solteiras agora.

Faz só alguns dias que estou sozinha, mas não me sinto triste nem derrotada. Me sinto fortalecida, finalmente descobrindo quem eu sou e o que quero pela primeira vez na vida. Cada um encontra sua própria saída. Ao contrário da Wendy, a minha não virá de preenchimento labial ou Botox. Decidi me salvar de outro jeito: encontrando algumas respostas e me vingando.

Então, dei adeus à tímida Jill, de cabelos curtos e grisalhos, sapatos confortáveis e cardigãs arrumadinhos. Descolori o cabelo, troquei minhas roupas azul-marinho e pretas por cores mais vibrantes e comprei uns tênis incríveis pela internet. Eu simplesmente soube que precisava deles; pareciam tão “da hora”, como diria Leo. Claro, a modelo do site era uma garota de vinte e poucos anos, com pernas longas. Eu sou uma quase cinquentona de pernas curtas. Era Tim que gostava de comprar coisas pela internet. Havia entregas para ele quase todos os dias: roupas novas, perfumes caros, todo tipo de coisa. Eu nem perguntava. Mas agora é minha vez. Digito os dados de meu cartão de crédito e, com os olhos semicerrados, clico em “comprar agora”.

Quase cancelei logo depois, mas me convenci de que é a coisa certa a fazer — mesmo parecendo loucura e decadência.

\* \* \*

Os tênis chegaram em poucos dias. Eu me senti como uma criança no Natal e, quando os vi, me apaixonei de novo. Um laranja neon vibrante. Quem diria que eu usaria tênis neon? Li numa revista no consultório do dentista que neon está na moda. Não tenho prestado muita atenção ao mundo ultimamente, então não sei nem dizer. Para mim, o mundo meio que parou na noite em que meu filho e a filha de Wendy foram ao baile de formatura. E só um deles voltou para casa.

# DOIS

WENDY

**PARO O CARRO EM FRENTE AO CHALÉ, QUE ATÉ PARECE AGRADÁVEL, EMBORA** meio pitoresco demais. Em segundos, Jill está na entrada gesticulando, tentando me guiar como uma controladora de tráfego aéreo maluca. Mais atrapalha do que ajuda, mas me faz rir. Abaixo o vidro.

— Que diabos você está fazendo, um tango argentino? Parece uma audição para o *Dança dos Famosos*! — Nós duas rimos. Assim que estaciono, ela vem, com cuidado pelo chão gelado, de braços abertos para me receber. — E agora ela entrou na patinação artística! — brinco, o que a faz rir ainda mais.

— Quero ver *você* atravessar esse caminho cheio de gelo sem escorregar — ela retruca.

— Pare de patinar e venha aqui me dar um abraço! — grito, abrindo a porta do carro.

— Senti saudade — ela murmura em meu pescoço quando me abraça. Neste instante, sinto o peso dos anos de nossa amizade. Dias de alegria, amor e horror passam pela minha cabeça como cenas de um filme antigo. Essa era a cola que sempre nos uniu e que, de um jeito estranho, sempre nos uniria.

— Vamos, a casa é linda — diz ela, pegando algumas de minhas malas, enquanto eu tiro as outras do porta-malas. — Quer uma xícara de chá primeiro ou prefere desfazer as malas? — pergunta, já me conduzindo pelo corredor até a cozinha.

É então que reparo no cabelo dela.

— Jill, você ficou loira?

Ela leva a mão à nuca e a passa nos fios.

— Fiquei. Quis mudar um pouquinho.

— Combina com você — respondo. Mas não combina. O descolorante é agressivo demais para nossa idade. Eu sou loira, sempre fui, mas,

conforme fui envelhecendo, segui o conselho de minha cabeleireira e passei para um tom mais suave e delicado.

Decido desfazer as malas primeiro. Estou cansada da viagem e preciso de alguns minutos sozinha para organizar os pensamentos. Subo para um quarto azul, que não é muito de meu gosto, mas pouco importava; é agradável o suficiente e muito a cara de Jill. Já vi na cozinha um enorme aparador galês de pinho, uma monstruosidade pela qual ela está toda encantada. Jill sempre adorou velharias. A casa dela é cheia de móveis herdados de parentes falecidos. É como se ela nunca tivesse realmente descoberto do que gosta, nunca tivesse se estabelecido na *própria* vida, vive pegando emprestado dos outros. Eu sempre tive gostos definidos. Sei do que gosto e não ligo para o que os outros pensam. Somos tão diferentes que, às vezes, me pergunto como acabamos tão amigas.

As pessoas não entendem muito bem nossa amizade. Na verdade, nem nós entendemos. É como aqueles casais aparentemente felizes que fazem a gente se perguntar o que veem um no outro, qual fio invisível os mantém juntos. Jill e eu somos assim. “Sobre o que vocês duas conversam?”, “Você não acha ela meio... *sem graça*?”, “Ela é tão certinha. Como você aguenta?”, diziam meus outros amigos. Alguns até insinuavam que ela era chata, mas eu nunca pensei isso de Jill. Jamais fiquei analisando nossa amizade. Ela simplesmente aconteceu, como uma árvore que floresce ou um bolo que cresce no forno. Simplesmente aconteceu.

Nunca vou esquecer a primeira vez que a vi. Faz quase 25 anos, mas parece que foi ontem. Ela e o marido, Tim, estavam se mudando para a casa ao lado. Ela parou na frente da casa deles com uma van enorme. Quando desceu do veículo, fiquei surpresa ao ver quão jovem e franzina era. Fiquei impressionada. Eu jamais teria coragem de dirigir uma van de mudança enorme cheia de móveis, mas aquela mulherzinha minúscula tinha manobrado aquele veículo pesado com perfeição e agora o estacionava com cuidado em frente à nova casa. Pensando bem, aquela já era Jill em sua essência mais pura. Durante toda a nossa amizade, ela sempre foi a pessoa que resolve tudo: a faz-tudo, a jardineira, a que põe a mão na massa. Movia pedras no jardim e, certa vez, desenterrou até um rododendro enorme que meu marido, Robert, não conseguia tirar de jeito nenhum. Jill resgatava gatos de árvores, crianças de lagoas, trocava pneus, consertava tomadas e pintava caixilhos de janela equilibrada numa escada. Nada a intimidava.

Naquele primeiro dia, fiquei observando-a pela janela de nosso quarto, ela levava caixas enormes e sacos pesados para dentro de casa. Eu tinha

ficado sabendo que era um casal que estava de mudança, mas como não havia sinal do marido, mandei Robert ajudá-la. Ele resmungou um pouco, mas acabou descendo e logo ajudou a descarregar a van.

Ainda consigo vê-la de calça de moletom e camiseta larga escondendo a silhueta esguia e atlética, carregando uma cômoda sozinha. Mais tarde conhecemos Tim e ele não era nada do que eu imaginava depois de ver Jill. Era *bonito pra caramba*, bem-arrumado, musculoso e com um bronzeado permanente. Robert o descreveu como “exagerado”. Eu achei fofo. Jill era o oposto: cara lavada, roupas discretas. O único toque de glamour era o cabelo, que parecia uma obra de um ótimo colorista. Quando perguntei qual salão ela frequentava, ela riu e disse que o “colorista” era apenas reflexo do brilho do luar.

Naquela época, eu os invejava. Eles eram tão apaixonados. Caminhavam de mãos dadas pela nossa rua. O jeito como ele olhava para ela me derretia e ela só tinha olhos para ele. Eles simplesmente brilhavam.

Certa noite, convidei-os para tomar uns drinques. Tínhamos idades parecidas, éramos recém-casados. Rimos bastante e compartilhamos planos sobre filhos e carreira. Depois daquela noite, nós quatro nos tornamos amigos. Vivíamos jantando juntos, bebíamos, fazíamos churrascos nas casas uns dos outros; até viajavamos juntos nas férias. Nos fins de semana, Jill e eu saíamos para almoçar e fazer compras, enquanto os homens iam ao futebol ou ao pub. No começo, era uma amizade que parecia natural. Eles eram como família para nós, e vivemos muitos momentos felizes juntos.

Passamos anos compartilhando verões longos e quentes, Natais iluminados, nascimentos e aniversários, enquanto nossas famílias cresciam de quatro para cinco, seis, sete e oito. Parecia inacreditável que as pessoas que se mudaram para a casa ao lado tivessem se tornado nossos melhores amigos e enriquecido tanto nossas vidas. Eu me sentia tão sortuda que achava que aquilo duraria para sempre. Se alguém me dissesse que chegaria o dia em que eu mal conseguiria olhar para eles, eu jamais acreditaria.

\* \* \*

— Você lembra quando dizíamos que íamos todos morar no mesmo asilo quando ficássemos velhos? — pergunto. Acabei de desfazer as malas e agora estou sentada à mesa da cozinha, tomando chá, enquanto Jill passa manteiga em alguns pãezinhos. Ela está de costas para mim, mas, por um instante, para e se vira.

— Eu queria poder voltar no tempo. — Ela suspira, e a tristeza em seu rosto me dá vontade de abraçá-la.

— Eu também. Algumas pessoas nunca têm amizades como a que nós tivemos. Vou ser eternamente grata por aquela época.

Ela não responde, apenas volta a passar manteiga.

— Éramos felizes naquela época. E podemos voltar a ser felizes, Jill — acrescento.

— Tem razão. — Ela atravessa a cozinha e coloca um prato de bolinhos na mesa. Ao passar, roça de leve meu ombro. — Obrigada, querida... por vir neste fim de semana. Agradeço muito. Sei que vir para cá, no meio do inverno, não é bem o tipo de passeio chique com que você está acostumada, mas...

— Ei, eu não perderia isso por nada — respondo, pegando um bolinho e mordendo o pão quente, macio e todo amanteigado. — Estava com saudade de você.

— É um lugarzinho encantador, não acha? Muito limpo, e a decoração também é bonita — diz ela, toda animada.

Mas quando se senta à mesa comigo, percebo que ela parece tão sem vida quanto as aquarelas penduradas na parede. Esse clareamento sugou o resto da cor do rosto dela. Não há sinal do cabelo iluminado pela luz do luar, nem daqueles olhos brilhantes.

Comemos os bolinhos num silêncio desconfortável, algo que nunca tinha acontecido entre nós antes. Passei a detestar o silêncio, pois ele me faz pensar em tudo o que perdemos.

— São novos? — pergunto, apontando para os tênis laranja que ela estava usando. Eram bem neon e não tinham nada a ver com o estilo de Jill.

Ela sorri e levanta o pé para que eu possa olhar melhor.

— Você sempre teve um estilo meio esportivo. Esse tipo de coisa combina com você — digo, tentando ser gentil, embora sejam joviais demais para ela.

— Eu fiquei em dúvida. Você acha que ficou bom? Não é jovial demais para mim? — Ela sorri, radiante com minha aparente aprovação, e isso me aperta um pouco o peito.

— Não, não seja boba. Não são joviais demais — minto. — Ficaram ótimos, muito estilosos. — Imagino que ela os tivesse comprado por uma pechincha em alguma loja de caridade na rua principal. O dinheiro deve estar curto agora que Tim foi embora. Ele ganha bem como bombeiro. E, para ser brutalmente honesta, aquele uniforme sempre lhe caiu muito bem. Na verdade, era até um desperdício ele estar com Jill.

Continuo comendo o bolinho enquanto o silêncio volta a se instalar entre nós. Ultimamente, parece que nós duas sentimos o peso do que precisa ser dito e evitamos tantos assuntos delicados que acabamos falando apenas de trivialidades. Já tentamos ter *essa* conversa muitas vezes, mas sempre termina em lágrimas; agora nem chegamos a esse ponto.

— Nossa, faz tanto tempo desde a última vez que viajamos juntas... — comento, sem emoção, só para quebrar o silêncio pesado.

— Pois é, acho que foi naquele fim de semana em Londres. A última vez que viajamos juntas.

— Foi divertido. Era ótimo sair de casa e fugir das crianças gritando e dos maridos enchendo o saco.

Ela dá uma risadinha, interpretando isso como mais uma de minhas tiradas sobre Robert.

— Lembra daquela vez que alugamos uma casa de campo em Devon? Reviro os olhos.

— Claro. O aquecimento não funcionava e as camas eram duras como pedra.

— O aquecimento era temperamental. — Ela hesita por um instante e então continua: — Nossa, agora eu lembrei! Foi naquela época que Robert achou que você estava tendo um caso! — Ela ri e leva a mão à boca, fingindo surpresa. — Ele vivia te ligando. E, quando você não atendia, começou a me perguntar se eu sabia de alguma coisa. “Eu sei que ela está saindo com alguém”, ele repetia. Foi horrível.

— Eu *não* estava. — Dá para sentir meu rosto ficando vermelho como um pimentão. — Eu *não* estava tendo um caso.

— Estava, *sim*.

Olho para ela.

— Por que você acha isso, Jill?

— Porque *você* me contou — responde ela, dando uma risadinha. — Você estava saindo com alguém do trabalho. Acho que o nome dele era Dan.

— Não lembro.

— Lembra, sim. Ele trabalhava na radiologia, não trabalhava? Acho que foi isso que você disse.

Balanço a cabeça, fingindo não lembrar, embora me sinta bem desconfortável. Encontrar velhos amigos com quem a gente já não tem a mesma intimidade é como reencontrar antigos amantes. A intimidade deixa marcas e, seja sexo ou segredos, não há como voltar atrás. Eles *sabem*, a gente sabe. As cortinas subiram há muito tempo.

— Você não se *lembra* de alguém com quem *transou*? — ela pergunta, sem desviar os olhos dos meus.

— Lembro de *Dan*, mas não de ter tido um *caso* com ele. Robert exagerou na reação — respondo, me apressando para mudar de assunto. — Ei, será que é cedo demais para abrir o espumante?

Ela dá risada.

— Num fim de semana entre amigas, nunca é cedo demais para abrir um espumante.

— Eu ia tomar um banho, mas antes posso ajudar em alguma coisa? — ofereço, meio sem vontade, depois de servir para nós duas um copo de água gelada.

— Não, está tudo bem. Vá relaxar um pouco — ela diz com gentileza.

O banho foi tão revigorante quanto o espumante. De volta ao quarto, enrolada na toalha, olho pela janela e fico impressionada com a quantidade de estrelas. Nunca tinha estado num lugar tão isolado: sem carros, sem pessoas, apenas escuridão por quilômetros, como se estivéssemos nos limites da civilização.

Me aproximo da janela, ainda enrolada na toalha, e fico observando o céu noturno. Só quando me afasto para me vestir é que me dou conta do contorno de uma casa. É difícil distinguir na escuridão quase total, mas com certeza é uma casa, porque há uma luz acesa em uma das janelas do térreo. Aperto os olhos para enxergar melhor e, ao erguer o olhar, vejo que a janela do andar de cima também está iluminada. E, embora seja quase impossível ver com clareza, consigo distinguir uma silhueta. Alguém está sentado ali, olhando por um telescópio. E está apontado bem para minha janela.

# TRÊS

JILL

SÁBADO

NÃO PREGUEI OS OLHOS À NOITE, MAS A MENSAGEM DE VOZ DE LEO ME ANIMOU. “Mãe, acabei de fazer a prova de inglês. Caiu uma questão sobre *O Sol é para Todos* e eu mandei muito bem!” O entusiasmo e o otimismo dele sempre me fazem sentir melhor e, no fim, acabei pegando no sono, sonhando com um céu cheio de estrelas.

Acordei hoje me sentindo mais leve, como se fosse capaz de lidar com tudo o que está acontecendo. Mas antes de qualquer coisa, preciso de uma xícara de chá.

— Bom dia, Jill.

Wendy está parada à porta da cozinha, com o cabelo armado e batom nos lábios. No pescoço, um cachecol enorme, com fios brilhantes.

— Você está linda — digo, com um leve tom de melancolia. Eu jamais conseguiria usar um cachecol com fios metálicos. — Que tal uma caminhada?

— Obrigada. É... uma caminhada leve seria ótimo, nada muito puxado. Eu não sou dessas de fazer trilhas, diferente de você.

Dou risada.

— Se você considera dez mil passos por dia uma “trilha”, então, sim, eu sou dessas. Quer chá?

Ela nega, balançando a cabeça com energia.

— Café, bem forte, por favor.

— Ah, sabia que tem uma casa grande e antiga do outro lado da rua, um pouco mais afastada? — Ela olha pela janela.

— Sei, é uma casa de campo. É da família Venables. Eles moram lá e também são donos deste chalé.

— Donos? Nossa... então, ontem à noite, eles estavam com um telescópio enorme na janela.

— Pois é, eles gostam de observar as estrelas.

— É que o telescópio não estava apontado para o céu. Estava apontado para minha janela.

Dou de ombros. Wendy sempre teve tendência a exagerar e, por mais bonita que seja, duvido que receba toda a atenção que imagina.

— Vai ver ouviram que você estava hospedada aqui e quiseram uma foto digna de paparazzi — brinco.

— Dá para culpá-los? Eu estava só de toalha branca, peladona por baixo. Uma foto dessas renderia uma boa grana.

Nós duas rimos. Então ainda resta algo daquela antiga cumplicidade. Faz tempo que não vejo esse lado dela. Fico aliviada ao perceber que a Wendy de antes ainda está ali, em algum lugar, por baixo de todo esse Botox. Talvez eu consiga me conectar com ela e, antes do fim desta viagem, ter uma conversa de verdade com a Wendy das antigas.

Nós nos sentamos com nossas bebidas e, enquanto o vapor sobe das canecas, sinto a conversa leve se dissipar aos poucos, dando lugar a uma tensão palpável entre nós. Foi assim ontem à noite também. Nenhuma de nós sabia bem o que dizer. Isso me deixa triste e ansiosa. Quando foi que chegamos a esse ponto? Como se eu não soubesse.

— Faz tempo que a gente não se fala. Seu convite me surpreendeu — diz ela, sem me encarar.

— Pois é... já faz mais de um ano, né? Desde...

— Tem sido difícil.

— Tem mesmo. Eu pensava em te ligar, mas não sabia o que dizer.

— Eu sentia o mesmo.

— Que bom que você veio. Acho que seria bom se a gente tentasse voltar a ser como antes. Se você quiser, claro.

— Sim, claro. — Ela não quer. Dá para perceber que é a última coisa que deseja.

— Tem algumas coisas que eu queria te perguntar e outras que preciso te explicar... e eu queria fazer isso neste fim de semana, sem distrações.

Vai ser difícil, mas só precisamos encarar os próximos dias. Depois, podemos nos despedir.

— Claro. Com certeza há coisas sobre as quais *nós duas* queremos conversar. É melhor a gente dar uma volta e... ver no que dá.

Wendy nunca foi boa em conversas difíceis; sempre tentava amenizá-las ou simplesmente evitá-las, na esperança de que desaparecessem.

Dois dias depois de eu ter perdido meu primeiro bebê, ela bateu na minha porta. Quando abri, lá estava Wendy, com o cabelo loiro brilhante, vestindo uma camisa branca impecável e jeans desbotados. Trazia um presente lindamente embrulhado, segurando-o com as duas mãos.

Eu mal conseguia pensar. A perda tinha me atingido com força e, naquela manhã, meu leite tinha descido, uma espécie de piada cósmica cruel que eu não conseguia processar.

— Meu leite desceu — eu disse.

Em meu desespero, acho que esperava que minha amiga, que era enfermeira obstétrica, soubesse me consolar, que tivesse as palavras certas.

— Ah. Isso acontece em abortos tardios — respondeu ela. — Tenho alguns absorventes que posso te dar. Toma aqui, é uma vela da Jo Malone — ela disse, estendendo o presente.

Como se aquilo pudesse compensar a perda de meu bebê.

— Obrigada.

— Você disse que sempre quis uma vela da Jo Malone.

Eu também sempre quis ter um bebê. Queria desesperadamente falar sobre isso, mas ela não conseguia. Era desconfortável demais para ela.

Lembro de fechar a porta e voltar para dentro. Eu estava anestesiada. Não abri o presente. Só me sentei sozinha e chorei. Mais tarde naquele dia, um pacote de absorventes para os seios apareceu na caixa de correio. Não a vi de novo por vários dias. Então ela me ligou para dizer que daria um jantar e que eu e Tim estávamos convidados. “Pensei em fazer minha pavlova”, disse ela. Mas não mencionou o aborto.

— É como se nada tivesse acontecido — eu disse a Tim na época. — Ela trabalha com partos, lida com isso todos os dias. Por que não consegue, ao menos, falar comigo sobre o assunto?

Ele simplesmente deu de ombros. Ele também não era muito bom em interagir com a vida real, a menos que, como percebi mais tarde, fosse uma mulher com quem ele pudesse transar.

Na época, não entendi. Fiquei magoada com a aparente falta de sensibilidade dela. Agora entendo. Wendy é uma enfermeira brilhante *justamente* porque sabe se distanciar. Ela precisa disso; caso contrário, não conseguiria fazer o que faz. E, da mesma forma, manteve-se distante do que eu vivia. Mas Wendy, a enfermeira, ofereceu ajuda prática: um presente bonito e absorventes para os seios. Na sua profissão, ela já viu coisas terríveis, perdas devastadoras e, como sempre diz: “Ser enfermeira obstétrica é mais difícil do que ser qualquer outra enfermeira, porque sempre temos dois pacientes”.

E agora, tantos anos depois, ela ainda parece ter dificuldade com a intimidade desconfortável das amizades e em falar sobre o que dói. Então decidi dar a ela o espaço de que precisa, na esperança de que, em algum momento, ela se abra e *possamos* conversar. Sei que o que aconteceu é tão doloroso para ela quanto para mim, mas, assim como no aborto, eu *preciso* falar sobre isso. Não posso seguir *sem respostas*. Há coisas daquela noite que nós duas precisamos encerrar e talvez, falando, eu consiga exorcizar alguns demônios. Mais do que isso, talvez juntas possamos enxergar algo que a polícia deixou passar.

— Então, como você e Robert estão? — pergunto.

Ela dá de ombros, e os lábios recém-preenchidos se contraem de leve, em um sinal claro de desconforto.

— Não tenho visto muito ele.

— Ouvi dizer que ele foi para a Espanha.

— Foi, está lá agora. Ah... essas canecas são fofas, não são? — Ela finge interesse pela xícara de chá.

Sorrio.

— Wendy, eu *sei* o que você está fazendo. Você nunca foi boa em sair pela tangente.

Ela revira os olhos.

— Eu só *gostei* das canecas... — Ela está prestes a dizer mais alguma coisa, mas hesita. Em vez disso, coloca uma fatia de pão na torradeira. Há algo que ela não está me contando. Sobre os filhos ou sobre Robert, quem sabe? Fico intrigada, mas deixo passar. Se eu insistir demais, ela vai se fechar de vez. Pode até inventar uma desculpa e ir embora. Está claro que não quer falar sobre o fim do casamento. Eu a conheço muito bem.

Lembro da primeira vez que nos convidaram para ir à casa deles. Wendy parecia muito feliz em nos ver.

— Ainda bem que vocês vieram. Todo mundo aqui é tão chato — ela sussurrou em meu ouvido. Eu a segui até a cozinha. Assim que entramos, ela serviu bebidas, e Robert apareceu, sorrindo. Gostei dele na hora. Ele estava sempre de bom humor e havia algo nele que eu admirava: era justo, gentil e não julgava as pessoas. Quando Wendy e eu começávamos a fofocar sobre os vizinhos, ele nos repreendia de brincadeira, mas dava para perceber que aquilo o incomodava.

— Ele é bonzinho demais para mim — dizia Wendy, e eu concordava. Era mesmo.

— Às vezes penso nas pessoas que éramos. Aqueles dois casais vizinhos, cheios de planos e sonhos — digo, tentando trazê-la de volta.

Preciso que ela se lembre de nossa amizade, de nossa proximidade. Talvez assim ela se abra e *converse* comigo.

— Bons tempos — murmura, com uma expressão mais suave. E sei que ela está falando sério. Por um instante, vejo a mulher jovem e bonita, de vestido amarelo-claro, que nos recebeu com uma torta de maçã no dia seguinte a nossa mudança. Tantos anos se passaram, e ela não mudou tanto assim. O cabelo ainda loiro, a pele viçosa — embora talvez isso se deva ao Botox. Mas, no essencial, ainda é a mesma mulher que nos recebeu com aquela torta. Só espero alcançá-la antes que seja tarde demais. Naquela época, confesso, eu me sentia um pouco ameaçada. Eu, uma esposa insegura, com um marido lindo, diante de uma mulher bem bonita à porta, trazendo comida. Mas bastou conhecê-la para eu gostar dela, e nossos maridos também se tornaram grandes amigos. Robert, o marido de Wendy, era médico dos Médicos Sem Fronteiras, prestando assistência em crises pelo mundo. Salvava vidas em zonas de guerra e áreas de conflito, enquanto Wendy só reclamava porque ele não estava por perto para levá-la a festas.

Então, sempre que havia alguma festa entre amigos, nós a levávamos junto, e Tim ficava com uma de cada lado. Lembro de uma vez em que fomos à casa de um colega de trabalho dele, perto do Natal. Tínhamos sido convidados para tomar uns drinques.

— Vamos levar Wendy? — ele sugeriu.

Quando chegamos, ela logo engatou conversa com alguém. Eu estava ao lado de Tim quando um amigo dele veio cumprimentá-lo e parabenizá-lo pela “linda” esposa. Ele estava falando de Wendy, e Tim teve que explicar que a esposa era eu. Fiquei toda envergonhada. Tenho certeza de que, se eu não estivesse ali, ele teria deixado o amigo pensar que era casado com Wendy. E a decepção no rosto do homem me deu vontade de chorar. Ele olhou para ela, depois para mim, sem conseguir esconder o espanto ao ver como alguém tão bonito quanto Tim tinha ficado comigo. Tim adorava tê-la por perto. Além de bonita, ela era divertida.

— Vamos chamar os Jones — dizia ele sempre que pensávamos em fazer algo social.

— Você gosta de Wendy? — eu perguntava às vezes, mas ele sempre negava, dizendo que ela “rendia boas risadas”. Eu tinha a impressão de que Tim achava todas as mulheres atraentes, menos eu. E Wendy era um colírio, com suas curvas e aquele jeito provocante de falar com os homens. Ela sabia muito bem disso. Lembro de uma das vizinhas chamá-la de “devoradora de homens”, o que achei um pouco exagerado.

Me afasto dessas lembranças e tomo um gole de chá. Tenho feito isso com frequência: revisitar o passado, me perder nele. Tenho tempo de sobra agora, ainda mais desde que Tim se foi.

— Quando descobri que estava grávida, você foi a primeira pessoa para quem contei — digo. — Antes mesmo de contar para Tim.

— Meu Deus, é mesmo! Lembro perfeitamente daquele dia. Eu tinha descoberto na semana anterior que estava grávida de Olivia, mas não conseguia te contar. Sabia que você ficaria feliz por mim, mas também sabia que você poderia ficar chateada, depois de tudo pelo que você tinha passado.

— Teria sido difícil mesmo. Mas eu e Tim vivíamos dizendo que, se não tivéssemos filhos, pegaríamos os seus emprestados.

— Pois é, vocês sempre cuidaram deles tão bem. Bem, talvez Tim nem tanto, mas você era ótima com eles.

— Eu amava seus filhos. Ainda amo — digo e aquilo fica no ar entre nós, algo que nenhuma de nós está pronta para encarar de verdade.

— O fato de nossos filhos terem nascido com poucos dias de diferença foi a realização de um sonho — continuo, tentando nos fazer atravessar tudo isso. — Lembro de pensar: “Não tem como ficar melhor do que isso”. E não ficou mesmo. — Solto um longo suspiro.

— Pois é... foi uma jornada difícil, não foi, querida? — ela admite.

— Mas ver nossos bebês crescerem foi tão bonito. — Coloco meus óculos cor-de-rosa e penso naqueles primeiros dias da maternidade: exaustivos, caóticos, maravilhosos, terríveis e arrebatadores.

Olivia nasceu algumas semanas antes de Leo e, desde o primeiro momento, foi como se Wendy não tivesse outros filhos. Ela já tinha Josh e Freddie, mas eles ficaram em segundo plano. Para Wendy, só existia Olivia. Os meninos tiveram que se virar mais sozinhos, enquanto Olivia era tratada como uma princesa.

— Eu queria que Olivia tivesse tudo que eu nunca tive. Meus pais não tiveram nada, então eu também não tive nada. Mas sempre disse que ela teria tudo. — Ela parece à beira das lágrimas.

— Você ficou obcecada por ela desde o primeiro minuto. — Sempre achei que Wendy via Olivia como uma chance de redenção: ela iria bem na escola, teria uma carreira brilhante, se casaria com o homem certo. Tudo aquilo em que, no fundo, Wendy achava que tinha falhado.

— Fiquei mesmo. Depois de dois meninos, finalmente tive minha menina. Mas, curiosamente, Olivia também marcou uma virada em nosso casamento.

— Como assim?

— Depois que ela nasceu, Robert começou a passar mais tempo fora. Eu sei que, nos Médicos Sem Fronteiras, sempre havia muito trabalho. Mas ele teve a oportunidade de ficar no Reino Unido e escolheu ir para fora. Escolheu uma zona de guerra em vez da própria família, Jill.

— Eu sei que isso te incomodava, mas Robert é um bom homem. Ele só queria fazer a diferença.

— Mas ele ficava meses fora, e nós tínhamos três filhos lindos em casa que sentiam saudade do pai.

— Eu sei, mas eles tinham você, e você é uma ótima mãe. Eu adorava ouvir as histórias dele, operando em campos enlameados, ajudando uma mulher a dar à luz numa tenda com bombas caindo ao redor.

— Seu marido salvava pessoas de incêndios, mas voltava para casa para você à noite.

— Às vezes, sim — resmungo.

— Eu sempre senti que, depois que Olivia nasceu, ele nos abandonou. Nosso casamento nunca mais foi o mesmo.

— Nunca imaginei que você se sentisse assim. Você chegou a falar com ele?

— Tentei. Mas ele nunca estava em casa. Às vezes me pergunto se foi por isso que Olivia ficou tão rebelde na adolescência. Faltou uma figura paterna.

Olivia era uma criança encantadora quando pequena, mas, na adolescência, toda a superproteção de Wendy a transformou numa pequena fera. Discutia com a mãe sempre que não conseguia o que queria. Perdia o controle por qualquer coisa, vivia se metendo em confusão com outras garotas, até crescer um pouco e os garotos entrarem na história. E aí os problemas foram de outro tipo.

— Ela ficou bem difícil na adolescência — digo. Um eufemismo.

— Herdou o temperamento do pai. Tentei acalmá-la, mas isso só piorava as coisas. Quando ela se aproximou de Leo, tudo mudou. Ela ficou muito mais doce.

Prefiro não comentar. Não acredito que Leo tenha mudado Olivia, nem que ela tenha ficado mais doce. Da última vez que a vi, na noite do baile de formatura, continuava arrogante e mal-humorada.

Só de pensar naquela noite, meu estômago embrulha. Tive um pressentimento tão forte que implorei para Leo não ir. Eu sabia que algo ia acontecer, mas nem em meus piores pesadelos imaginei que alguém fosse morrer.

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



**CAMPANHA LEITURA FAZ BEM**

Ler inspira, renova, motiva, reduz  
o estresse e melhora o humor.  
Espalhe essa ideia!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA  
GRÁFICA PLENA PRINT  
EM OUTUBRO DE 2026